

★ ANJO DURO

A EMOÇÃO DE LIDAR, DE NISE DA SILVEIRA

Luiz Valcazaras

Iluminador e diretor de teatro. Iniciou suas pesquisas em 1980. Após assistir a uma palestra com Max Keller (Diretor do Departamento de Iluminação do Teatro de Munique) passou a interessar-se pela relação mais direta entre diretor e iluminador. Em 1990 é convidado para trabalhar na USP. Dirige e escreve *Exívia*, *Lenda crioula*, *Os clongnômades* (prêmio de melhor espetáculo do Festival de Teatro da USP/Pirassununga/93) e *A terceira lenda*. Cria o monólogo *Closet*, com Eloísa Cichowcz (convidado para encerrar o DRAMAFESTIVAL – Cultura Inglesa) e o monólogo *Um pequeno assovio*, com Patrícia Dinely. Escreve e dirige o espetáculo *Anjo duro* (Mostra Oficial do Festival de Curitiba), com Berta Zemel.

Cena 1

*Um ateliê com inúmeros cavaletes de pintura c
obertos por panos pretos.*

*Dra. Nise escreve cartas, sentada atrás de uma
escrivainha, iluminada apenas por uma vela.*

Som em off...

Meu caro Spinoza!

Você é mesmo singular. Através dos séculos continua despertando admirações fervorosas, não só no mundo dos filósofos mas, curiosamente, atraindo pensadores das mais diversas áreas do saber. Até despreziosos leitores que insistem, embora sem formação filosófica (e este é o meu caso), em entrar no difícil e fascinante mundo da filosofia.

E assim, através do tempo e dos lugares, você foi fascinando grandes, pequenos, pequenínimos. E, correndo mundo, seu livro maior – a *Ética* – chegou às minhas mãos, numa pequena cidade do nordeste do Brasil, chamada Maceió. Parece incrível. Eu estava vivendo um período de muito sofrimento e contradições. Logo às primeiras páginas, fui atingida e, desde então, desejo intensamente aproximar-me de

você, como discípula e amiga. Este é o motivo por que lhe escrevo essas cartas.

Luz geral.

Nise Tenho para mim que você vivenciou de súbito a experiência da totalidade... “a mais importante e única de todas as experiências espirituais”.

Mas como... como exprimir em palavras algo tão assombroso?

Você fala de uma substância única, eterna, infinita, Deus. E as modificações dessa substância que você denomina “modos”, que são todas as coisas existentes. Um livro é um modo; uma caneta é um modo; eu sou um modo, mas há uma diferenciação no “modo” que é o ser humano e você se esforça, durante todo o seu livro *Ética*, em ajudá-los a se diferenciarem de maneira bem especial.

A concepção que você tem de Deus, confundiu muita gente que o rotulou até mesmo de ateu. Ateu? Mas se foi você que disse: “O amor devotado de Deus deve ocupar o espírito acima de tudo.”

Vem cá, você já ouviu falar de um filósofo aqui do nosso Terceiro Mundo, Farias Brito. Ele disse: “Deus está no universo como o universo está em Deus”. Você vê, ele aprendeu sua ideia fundamental de maneira muito simples.

Agora, entrando num assunto difícil, assim meio delicado, mas que pode ter influenciado sua visão do mundo... desculpe, mas é sobre sua vida pessoal:

Você foi expulso da comunidade judaica como um maldito, por não aceitar os rígidos ensinamentos dos seus mestres.

Suas tentativas de atividade no comércio de exportação, legado por seu pai, fracassaram.

E, mais ainda, o amor pela filha de seu professor de latim lhe trouxe uma amarga decepção.

Desculpe-me, mais uma vez, se toquei em assuntos pessoais. Você é sempre tão discreto. É que assim, eu posso te conhecer melhor.

Agora eu peço permissão para usar um vocabulário que me é mais familiar! Você é considerado um autor difícil, que tem uma linguagem sofisticada... e assim, falando da minha maneira, eu fico mais tranquila. Tem uma coisa que está me perturbando: é a sua afirmação de que Deus consiste em uma infinidade de atributos, dos quais o homem só alcança dois – pensamento e extensão.

Não, eu vou falar do meu jeito, assim fica mais fácil. Numa de suas cartas, em que compara o homem a um verme que vive no sangue. Este verme poderia reconhecer os glóbulos do sangue em circulação, mas não conheceria a natureza do sangue na sua totalidade.

Assim vivemos nós, numa parte do universo. Poderemos realizar pesquisas em torno de nós mesmos, mas não alcançaremos a compreensão da natureza infinita, pois somos finitos.

Conhecer nossos limites para então tentar superá-los, eis o belo caminho que você nos aponta.

Gratíssima, mestre!

Nise da Silveira.

Assopra a vela. Blecaute.

Cena 2

Música/luz expressionista. A atriz entra envolta em um pano roxo, refazendo a cena de entrada da peça

Artaud, de Rubens Corrêa.

Interpreta Artaud:

– J'ai vu un Être, celui de l'abeille vivre, cela me suffit pour toujours.

Eu, o Senhor, Antonin Artaud.

Fui internado e mantido em confinamento, durante nove anos, porque eles quiseram impedir que o Sr. Antonin Artaud, escritor e poeta, pudesse realizar na vida as ideias que proclama nos seus poemas.

Nada disso é motivo para me fazerem passar por louco, a fim de se livrarem de mim e me adormecerem com eletrochoques, para que assim... eu perca a memória medular da minha energia.

– J'ai vu un Être, celui de l'abeille vivre, cela me suffit pour toujours.

– O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração. Faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca do seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele. Que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série de eletrochoques, fiquei durante meses na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e me sentir... ser! (*sobe a música – tira o pano*).

Cena 3

Nise Caro Spinoza!

Às vezes eu me vejo como ouvinte invisível naquele círculo que você frequentava. Era um

prazer vê-lo aos 28 anos, moreno, de cabelos e olhos escuros. Ali estava você, em meio aos homens louros ou ruivos que o escutavam surpreendidos e até mesmo perturbados.

A minha imaginação o acompanha até o frio sótão onde você habitava num quarto alugado. Parece-me vê-lo debruçado sobre sua mesa de trabalho, iluminada por uma luz hesitante, trabalhando e retrabalhando... pensamentos e sentimentos.

Eu me revejo ainda ginásiana, depois de prestados os meus exames finais no Liceu Alagoano, lá em Maceió. Logo no início das férias, eu estava um dia arrumando meus livros e guardando os de álgebra e geometria, num armário próximo de minha pequena mesa de estudo. Perto tinha uma cadeira... Nossa! Como era bonita aquela cadeira, com seus elegantes pés volteados.

Bom, eu coloquei sobre a mesa os livros do ano seguinte.

Meu pai estava perto, sentado numa cadeira de balanço. Parecia totalmente absorto na sua leitura e foi com surpresa que ouvi ele me perguntar:

– Você vai recolher seus livros de geometria?

– Vou. Agora vou ter outras matérias para estudar.

– Lamento, porque geometria não é uma matéria como as outras. Geometria ensina a arte de pensar.

Eu tinha na ocasião 14 anos de idade, mas me feriu a expressão “arte de pensar”. Peguei logo o meu tratado preferido de geometria e o levei comigo para a Bahia, onde fui fazer o curso médico.

Existia em Salvador uma escola de medicina que tinha reconhecimento oficial. Eu era a única mulher na Faculdade onde só estudavam homens: 157 rapazes e uma moça.

Mais tarde, meu caro amigo, comecei a estudar apaixonadamente sua filosofia e verifiquei

o quanto é difícil chegar (como num relâmpago) à compreensão imediata da essência das coisas.

Isso me faz lembrar de um maravilho visionário, pelo qual eu carregou uma grande paixão. Antonin Artaud! Mais tarde ele iria influenciar profundamente o meu trabalho.

Foi um desses relâmpagos que deslumbrou Antonin Artaud, quando ele, de súbito, descobriu...

*Música incidental – a mesma
cena de entrada de “Artaud”.*

... o Ser da abelha.

Interpreta Artaud.

– “J’ai vu un Être, celui de l’abeille vivre, cela me suffit pour toujours.”

Nise Eu vi um Ser, uma abelha viva, e isso me foi suficiente para sempre.

Música.

Vivências semelhantes já aconteceram a muitos outros: místicos, artistas, poetas, atores e mesmo a homens e mulheres comuns em instantes excepcionais, que parecem eternos, mas quase sempre são...

Corta a música.

...fugazes.

Você suportou, decerto deslumbrado, a grandeza da experiência súbita, mas a estrutura forte de sua personalidade manteve-se firme. No entanto, como falar aos homens essa experiência direta e assombrosa. Você recorreu à linguagem racional, desdobrando pensamentos e ateando fogo sagrado ao desejo de liberdade, perturbando mundo afora muitas cabeças. Inclusive, querido amigo, meu curto pensar, meu fraco intuir.

Nise da Silveira

Blecaute/música/acende vela.

Cena 4

Na Faculdade de Medicina, passei por uma formação cartesiana. Coube a mim e a meus colegas, o estudo das peças dessa engrenagem, dessa máquina que seria o corpo humano. E, para tornar mais fácil essa tarefa, muitas vezes se recorria à vivisseção, ou seja, ao estudo dessa outra máquina mais simples, o corpo do animal, no flagrante vivo de seu... funcionamento.

Música/mudança de luz/braços em cruz.

Lembro-me, como se fosse hoje, de uma aula prática de fisiologia. A aula tinha por tema o mecanismo da circulação. Uma rã foi distendida e pregada pelos quatro membros (cruificada) sobre uma placa de cortiça. O peito aberto cruelmente, para que vissemos seu pequeno coração palpitando. Os olhos da rã estavam esbugalhados ao máximo e pareciam perguntar-nos: por que tanta ruindade?

Corte música/luz geral.

...Para nada. Para nada.

Ninguém aprendeu coisa alguma naquela estúpida aula.

Joga as folhas de papel, que estão na escrivaninha, para cima.

Nunca devia ter sido médica.

Eu não tinha nenhuma vocação para a medicina.

Até hoje quando vejo sangue, fico meio tonta.

Mas, enfim, acabei me tornando médica e... (*dança*) como foi bonita aquela formatura. No meio de tantos rapazes eu era a única moça se graduando. Isso para aquela época não era uma coisa normal.

Um mês depois da formatura, meu pai veio a falecer. Que figura interessante era meu pai, e como me compreendia tão bem. Uma vez quando eu era criança, vi uma galinha com

os pés amarrados, bem perto da porta da cozinha, naturalmente ela ia para a panela... aí eu comecei a chorar de dó da coitada. Meu pai percebendo meu sofrimento foi lá e desamarrou a galinha. Não contente com isso, foi para o fundo do quintal, abriu a porta do galinheiro e soltou todas as galinhas; para o desespero da minha mãe, né.

Pequeno sorriso.

Sem meu pai, não quis ficar na Bahia, então, adoidadamente (*pega a vela e simula um navio*) peguei um navio e fui para o Rio de Janeiro, sozinha.

E aí começava uma nova fase na minha vida.

Chegando, correu a notícia de que ia haver um concurso para médico psiquiatra. Estudei como uma fera. Passei no concurso e comecei a trabalhar no Hospital da Praia Vermelha.

O José Clemente Pereira foi um dos fundadores, ele era uma criatura supersensível. Basta dizer que um dia mandou para os doentes da psiquiatria uns instrumentos musicais, com um bilhetezinho dizendo: "Para que os doentes, a fim de que se distraiam ou, talvez, se curem".

Levanta-se rindo.

Ai, meu Deus! Que diferença de escolas. O que me ensinou a faculdade institucional e o que eu aprenderia nessa outra faculdade... há dos encontros da vida.

Como existem pessoas sensíveis para o bem mas, outras, para fazer o mal não necessitam de esforço nenhum.

Escreve na folha que está sobre a mesa.

– Meu caro amigo! Escrevo-lhe cartas despretensiosas, de coração aberto, correndo o risco de incorrer em muitos erros.

Para você o bem e o mal não têm existência. São meras imaginações, que dependem daquilo que nos traz alegrias ou tristezas, recompensas ou castigos.

Meu amigo, minha experiência é outra. O bem é difícil de ser visto por nós, tal a volatilidade e as circunvoluções estranhas que traça para tocar-nos como uma asa levíssima.

Nunca conseguimos saber de onde voa. Mas o mal, caro amigo, digo-lhe que já vi o mal concretamente.

Música forte.

Já o vi como dura matéria, que houvesse passado por muitas destilações, até ficar depurado de quaisquer outros elementos, que o atenuassem. Foi no fundo dos olhos de alguns humanos que vi o mal faiscar.

Blecaute.

Cena 5

*Gritos, sirenes, tiros, choques/efeitos de som e luz/
a atriz representa personagens que aparecem
de varias formas: torturada; no chão levando chutes;
indefesa com os olhos esbugalhados. Em outras,
como o grito de Munch.*

Cena 6

Sai a música – entra luz geral.

Fui presa. Uma enfermeira que fazia a limpeza de meu quarto viu sobre a mesa uns livros socialistas e me denunciou à administração.

Nessa época, em 1935, Luiz Carlos Prestes liderava a intentona Comunista.

Fui encarcerada na famosa “Sala 4”. Ali ficavam as mulheres prisioneiras; como a Carmem Ghioldi, Maria Werneck, Eneida, Olga Benário e Elisa Ewert, esposa de Arthur Ewert, que foi torturado até enlouquecer. Ela também foi torturada e queimada. Sofreu muito. A cama dela era junto da minha.

Sempre acordava na mesma hora, não conseguia dormir. Eles tinham uma hora certa para

torturar. Vinham e a levavam. Depois, ela me mostrava às queimaduras nos seios...

– As torturas no corpo são dores terríveis que nos marcam também o profundo da alma.

Algumas marcas do corpo desaparecem, mas as da alma...

O olhar petrificado de medo junto à urina descendo pelas pernas, era uma imagem comum da covardia dos torturadores com aquelas detentas.

Logo depois que fui solta, ocorreu um boato que eu ia ser presa de novo. Então, resolvi me exilar dentro do meu próprio país.

Mas, os gritos no escuro da noite são ecos que ficam em nós por muito tempo. (*bate na mesa*)
Sempre...sempre...sempre...

Blecaute.

Cena 7

Em off.

Sua filosofia chegou às minhas mãos, numa pequena cidade do nordeste do Brasil. Parece incrível. Eu estava vivendo um período de muito sofrimento e contradições. Logo às primeiras páginas, fui atingida. Desde então, desejo intensamente aproximar-me de você, como discípula e amiga. Este é o motivo por que lhe escrevo estas cartas.

Luz.

Nise Meu caro amigo! Em 1944 retomei meu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro.

Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. A lobotomia, o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiasol.

Fui trabalhar na enfermaria com um médico que estava adaptado àquelas inovações. Então ele me disse: “A senhora vai aprender as novas

técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque”.

Paramos diante da cama de um doente. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermaria e pediu que trouxesse outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico disse: “Aperte o botão” e eu respondi: “Não aperto”.

– Meu Deus por quê? Por que tanta ruindade? Ainda posso ver os olhos esbugalhados do paciente, o rosto roxo contraindo em dor, a baba amarela saindo da boca trêmula e o corpo se convulsionando em desespero.

Não, eu não aceito...

Podem me chamar de rebelde, transgressor, comunista ou do que quiser, mas eu... não aperto o botão!!!

Já não chega alguns hospitais terem cravado nas paredes a dor podre, a devassidão de olhos opacos e corpos esparramados de descaso, em meio ao cheiro de urina e fezes, que a consciência humana nunca vai conseguir limpar?

Não sou ingênua! Sei que não é fácil satisfazer as necessidades afetivas de seres que foram tão machucados e socialmente tão rejeitados.

Mas o ser humano não pode ser tratado dessa maneira.

Pausa

Então me mandaram para o centro de terapia ocupacional. Mas ali, era um depósito de gente. Usavam os pacientes para varrer, limpar o banheiro, o vaso sanitário, o pátio e não havia um médico para qualquer orientação.

Senta-se na cadeira.

Percebi, como quem olha pelo canto dos olhos, desenhos rabiscados nas paredes, então resolvi transformar aquilo num ateliê de pintura.

Tira os panos dos quadros, revelando pinturas do museu.

Sem saber estava começando uma das mais belas etapas da minha vida. Comecei a observar que mesmo sem nunca terem pintado antes da doença, muitos dos frequentadores, todos esquizofrênicos, manifestavam uma intensa exaltação da criatividade imaginária através da pintura. O que não ocorria quando não tinham nas mãos... os pincéis.

Uma vez um paciente me mostrou que eu estava no caminho certo, quando certa vez me ofereceu um coração em madeira e no centro do coração um livro aberto. Quando ofereceu esse presente me disse:

Descobre o último quadro.

Um livro é muito importante, a ciência é muito importante, mas se desprender do coração não vale nada.

Todas essas imagens criadas no ateliê eram retratos da atividade psíquica dos pacientes. Para não se perder essas sucessões de fotografias da alma, foi que, da Seção de Terapia Ocupacional, nasceu o Museu de Imagens do Inconsciente.

Música/descem mais quadros do urdimento.

Nise senta-se de costas e observa o Museu.

Foi observando cada um e as imagens que eram pintadas que aprendi a respeitá-los como pessoas e desaprendi muito do que havia aprendido na psiquiatria tradicional.

Vira-se para a frente.

Minhas escolas são esses ateliês.

Cena 9

Cada vez mais fui me convencendo de que as imagens poderiam permitir conhecer vivências ocultas, sofridas por esses seres que haviam se afastado da realidade, que tornavam “o invisível visível”, ou quase.

Um dos nossos internos e que teria suas pinturas reconhecidas no Brasil e no exterior, é a

expressão desse conhecimento. Referindo-se ao episódio de sua infância, ele já havia falado do poder da imagem, no poder de sonhar.

*Música/ mudança de luz/muda a voz/
coloca um gorro.*

Interpreta Fernando Diniz:

– O poder de sonhar com o que quiser menos com que é da terra.

Pinta um quadro em cena.

– Um dia sonhei que estava pisando uma estrela em pleno infinito e o fazia com muito cuidado e me sentia tão bem, que era algo tão especial que eu não tinha vontade de sair, assim, quando olhei para fora, para as coisas comuns da vida não consegui...

Mudei para o mundo das imagens. Mudou a alma para outra coisa.

As imagens tomam a alma das pessoas.

Vai pintando estrelas.

Antes havia pedra lapidada. No meio dela está a estrela. Mas quem lapida a pedra tira todas as estrelas. A estrela grande é difícil de fazer, mas ela existe... A estrela existe antes de tudo! Em cima da estrela se desenha um círculo e em cima dos círculos se desenha borboletas ou margaridas.

O pintor é feito um livro que não tem fim...

O trevo de quatro folhas representa a felicidade... ela não existe... ela não existe ...ela não existe.

Pausa – tira o gorro – sai a música.

Nise Do ponto de vista da psiquiatria tradicional, apesar da sua sensibilidade artística, Fernando continuava sendo considerado um crônico em estado de grave deterioração com a afetividade embotada.

Hoje está demonstrado que mesmo após longos anos de doença a inteligência pode conservar-se intacta e a sensibilidade vivíssima.

Cena 10

Nise Meu trabalho é centrado na canalização do afeto, criando uma atmosfera em que todos: doentes, médicos, terapeutas, possam viver em harmonia.

E a maioria dos hospitais não consegue implantar essa harmonia.

Outro problema que desde muitos anos nos preocupava é o fato de serem tão numerosas as reinternações no Centro Psiquiátrico. Parecia-me que algo estava errado nesse tipo tratamento.

Um desses erros era que, quando cessavam os surtos psicóticos, o indivíduo saía do Hospital sem nenhum preparo para assumir sua vida profissional e pessoal.

Pensei que seria útil uma instituição que funcionasse como espécie de ponte, entre o hospital e a vida na sociedade.

E assim criamos a Casa das Palmeiras! Um ateliê, onde não há grades nas janelas, as portas ficam abertas, os médicos não vestem jalecos brancos, os psicólogos e monitores não usam uniformes nem crachás.

São hospitais dia, onde o indivíduo exerce atividades como pintura, escultura, música, teatro... e progressivamente vai se reintegrando à sociedade. Enfim, é o nosso pequeno território livre.

Volta a escrever as cartas.

Meu caro mestre, meu caro Spinoza!

Continua falando o texto, enquanto veste o figurino de Carlos Pertuis.

É surpreendente que psicólogos e psicanalistas (nem cito os psiquiatras) tenham se interessado muito pouco pelas suas extraordinárias contribuições ao conhecimento da psique.

O imaginário deve ter liberdade de encadear imagens, seguindo sua ordem própria. Você lhe faz apenas uma restrição: o espírito não erra pelo fato de imaginar, mas se assume a

imaginação como algo realmente existente.

Eu poderia usar como exemplo o caso de outro de nossos internos.

Cena 11

Certa manhã, no seu quarto...

Pega um pequeno espelho e deixa o foco de luz incidir sobre seu rosto, todo o resto do palco escurece.

...raios de sol incidiram sobre o pequeno espelho e surgiu diante dele uma visão cósmica...

Música.

Interpreta Carlos Pertuis:

– O Planetário de Deus! O Planetário de Deus! Venham todos ver...

– Mãe venha ver que maravilha!

Uma grande flor dourada como o grande sol!!!! O PLANETÁRIO DE DEUS! O PLANETÁRIO DE DEUS!!!!

O espelho vira-se para a plateia, iluminando cada espectador.

– São os olhos, os grandes olhos... me olhando. Me olhando em luz... Me olhando em luz os grandes olhos... Me olhando em luz os grandes olhos... de Deus.

Corte da música/pausa/ olhos vidrados.

– Mãe onde você está????

– Mãe, cê tá aí?

Pausa / transe/ (em em off, latido de cachorro).

– Ô cachorrinho!!! você é muito bonito. Você é muito bonito e valente. Tens uma orelhinha cortada, isto é prova de bravura. Eu também sou valente, “sou Nonai”. Você não é só um cachorro! Nós somos amigos.

Levanta-se/assopra o ar.

– O sopro de meu nariz muda qualquer circunstância!!!

– Olha meu amigo: o que tem dentro dessa

lata de lixo? Sementes!

Como podem fazer isso? Sementes não são para jogar na lata do lixo, sementes são para serem plantadas!!!

Sai pela coxia falando este texto.

– Vamos meu amigo, vamos Sultão, vamos plantá-las... amanhã serão grandes árvores... darão frutos...

Nise volta da coxia, sem o figurino de Carlos. Fica observando como se o mesmo tivesse passado por ali.

Cena 12

Nise Ah!!! Carlos, Carlos.

Pode-se dizer, sem nenhum exagero, que os terapeutas de Carlos foram dois cães: Sultão e Sertanejo e os coterapeutas eram os médicos e os monitores.

Esse trabalho com animais começou, quando, no terreno do hospital, eu encontrei uma cadelinha abandonada, faminta. Passando por um interno, demorei meus olhos nos olhos dele e lhe perguntei:

– Você aceita tomar conta dessa cadelinha com muito cuidado?

Ele respondeu:

– Sim, mas como vamos chamá-la?

Sugeri o nome de Caralâmpia, um apelido que ganhei do meu amigo Graciliano Ramos quando estivemos presos e que depois apareceria no livro *Memórias do cárcere*.

Iniciamos, sob minha direção, no Centro Psiquiátrico Pedro II, esse trabalho pioneiro, estreitando o relacionamento entre doentes e animais.

Eu particularmente gosto muito de todos os animais. Admiro muito o cão e me sinto humilhada por ele. Eu respeito esta infinita capacidade de perdoar que ele tem. Ainda mais quando se trata do seu dono.

Já o gato tem personalidade própria! Minha

admiração é que eles sabem selecionar o ser humano conforme o seu caráter.

Sou grata por toda a sabedoria que muitos gatos me passaram na vida. Gatos são grandes mestres.

Mestres como você meu caro Spinoza, mestre como Antonin Artaud, mestre como Jung...

Por falar em Jung, tive a feliz oportunidade de conhecê-lo. Fui recebida em sua residência em Kusnacht. Depois de ouvir atentamente sobre meu trabalho com os esquizofrênicos, perguntou-me de repente:

– Você estuda mitologia?

Não, eu não estudava mitologia!

– Pois se você não conhecer mitologia nunca entenderá os delírios, nem as pinturas de seus doentes.

De volta ao meu trabalho no hospital de Engenho de Dentro, comecei a estudar e tentar entender o delírio do esquizofrênico através dos mitos.

Com essa mudança de mentalidade, consegui dar um novo sentido ao meu trabalho.

Jung descreve a esquizofrenia como a inundação do consciente por conteúdos do inconsciente profundo.

Muito pouco chega das lutas que se desdobram na escuridão do mundo interno do psicótico, pois estão quebradas as pontes de comunicação com o nosso mundo. Será necessário dar muita atenção aos fragmentos de frases que o doente pronuncia, à sua mímica, à postura, à pintura, à dor...

Como a dor da alma gritada por...

Pega o Pano de Artaud que estava desde a primeira cena dependurado num cavalete de pintura.

...Antonin Artaud!

Como será que ele se sentiu nesse mundo movediço, onde cada coisa, cada ser, podia se transformar de um momento para o outro, noutra coisa, noutra ser? Onde todos os impossíveis acontecem!

Joga o pano para o alto/música/explosão/barulho de fechamento de portões.

Blecaute.

Um grande véu fecha a boca de cena, através da iluminação, todo o cenário é projetado no véu como sombras distorcidas. Um vulto caminha pelas sombras.

Interpreta Antonin Artaud:

– Aiiii.... ..o eletrochoque me desespera, apaga a minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração. Faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca do seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série de eletrochoque fiquei durante meses na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir ser...

Música.

Mudança de luz – apenas um foco revela a escrivaniinha por trás do véu/Nise caminha até a escrivaniinha e escreve uma carta.

Em off.

Meu caro Spinoza!

Os sonhos fazem parte do estudo a que eu dediquei toda minha vida, e quero agradecer quando num dos meus sonhos você apareceu e me disse:

“A loucura é a maior forma de escravidão humana.”

Foi muito importante ter te encontrado nesse sonho, agora um grande amigo, quase filho, me chama. Apontando um lindo caminho, para que eu possa entregar em mãos, as cartas que eu lhe escrevi.

Projeção de vídeo: no véu a imagem em preto e branco da cena de Artaud, interpretada por Rubens Corrêa.

Fusão com a imagem de Nise, que está no palco escrevendo uma carta.

Fim.